

INFORMAÇÕES

Encerramento da Semana da Diocese: A Semana da Diocese, comemorativa do 30.º aniversário da sua criação, termina neste domingo, dia 18, às 15 h., com a habitual Concelebração Eucarística, na Sé de Viana do Castelo, na qual um membro do Conselho Paroquial para os Assuntos Económicos ou outra pessoa escolhida para o efeito, irá representar a nossa paróquia no Ofertório Solene, entregando nas mãos do nosso Bispo o resultado do Ofertório para a Diocese, que este ano rendeu 188,78 €.

Encontros Mensais de Formação Cristã: Será já na próxima 6.ª feira, dia 23, às 21 h., no salão paroquial de Carreço, o 1.º Encontro de Formação Cristã (para Jovens e Adultos). Eis os 24 temas a tratar ao longo de 3 anos (8 em cada ano): Tema geral do 1.º ano: “Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Êx. 6, 7). Temas dos Encontros: 1 - O Homem em busca de Deus; 2 - I – O Povo da Antiga Aliança (Geografia e História de Israel); 3 - II – A Nova Aliança em Jesus Cristo (o novo Povo de Deus); 4 – As Fontes da Revelação: Bíblia e Tradição; 5 - Noções básicas sobre a Bíblia; 6 - O Antigo Testamento; 7 - O Novo Testamento; 8 - A Palavra de Deus, alimento da vida cristã. Tema geral do 2.º ano: “Quem dizem os homens que Eu sou?” (Mc. 8, 27). Os temas, ainda a definir, abordarão os seguintes assuntos: O Mistério de Deus (Santíssima Trindade); Cristo, Sacramento da Salvação; O Espírito Santo, alma da Igreja. Tema geral do 3.º ano: “Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos” (Mt. 28, 20). Os temas, ainda a definir, abordarão os seguintes assuntos: A Igreja de Jesus Cristo; Liturgia e Sacramentos; Moral e Mandamentos. Inscreva-se!

Catequese - Reunião Geral de Pais:

No próximo sábado, dia 24, às 21 h., no Salão de Catequese, realiza-se a 1.ª Reunião Geral de Pais ou Encarregados de Educação das crianças e adolescentes da Catequese com o pároco e os Catequistas.

Festa do Acolhimento: Realiza-se na Eucaristia do próximo domingo, dia 25, para todas as crianças que frequentam o 1.º ano de Catequese.

Ofertório para a nova Igreja: No Ofertório mensal realizado no passado domingo, a favor da construção da nova Igreja e Centro Paroquial, foram entregues 13 envelopes e notas e moedas soltas, num total de 328,28 €. Na próxima edição deste boletim serão publicados todos os contributos. Se ainda não contribuiu, ainda vai a tempo.

Nova Igreja e Centro Paroquial: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: Arminda da Conceição Oliveira Rodrigues Gomes – 25 € (referente à venda de bolos); Anónimo – 50 €; Dorinda Moreira Esteves – 5 €; Esmeraldo de Jesus Louro – 15 € (mensal); Manuel Fernandes Pereira e Etelvina Freitas Viana – 20 € (mensal); Maria Helena Lourenço Alves – 20 € (mensal); Anónima – 5 €. Bem hajam!

MISSAS

Dia	Hora	Intenções
19	Seg	18,30 António da Rocha e Maria da Conceição Alves
20	Ter	18,30 Luís Gonçalves Vieira
21	Qua	18,30 Luís Cerqueira, Gracinda Martins; Joaquim Carvalho Dias
22	Qui	18,30 Manuel Freitas da Silva; Etelvina da Cunha Costa e José Martins Barbosa; Manuel Gonçalves da Balinha e Maria Martins Barbosa
23	Sex	18,30 Ana Paula, Alfredo, José e Rosa Maria; Maria Júlia da Silva e Joaquim José da Silva Coimbra
24	Sáb	18,30 José Maria Novo Gonçalves; Armando Cunha Ramalho; João Malheiro Valadares; Arnaldo Passos Viana e José Lino Freitas Ferreira; Maria Longarito Fernandes Pereira; Manuel da Silva Ribeiro; António Gonçalves Vieira
25	Dom	10 Justino Oliveira e familiares; Amadeu Catarino, esposa e filho; António Reto; António Borlido; Álvaro Gonçalves de Araújo; Vítor Manuel

PARÓQUIA VIVA

N.º 343 – 18/11/2007

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



33.º Domingo do Tempo Comum - Ano C



«Há-de vir o dia do Senhor, ardente como uma fornalha; e serão como a palha todos os soberbos e malfeitores. O dia que há-de vir os abrasará – diz o Senhor do Universo ... Mas para vós que temeis o meu nome, nascerá o sol de justiça, trazendo nos seus raios a salvação» (1.ª leitura); «Pela vossa perseverança salvareis as vossas almas» (Evangelho)

Igreja e Eutanásia

Daniel Serrão explica contornos de uma questão delicada e mal interpretada



Ciclicamente agita-se, nos meios de comunicação social, a questão da eutanásia, e sempre se torna necessário esclarecer as consciências dos cristãos sobre o que verdadeiramente está em causa.

Eutanásia é a morte deliberada e intencional de uma pessoa, a seu pedido, pela outra pessoa que recebe e acolhe o pedido. Se não há pedido não há eutanásia, há um homicídio comum. Se há pedido há também um homicídio, mas em resposta a uma vontade expressa pela pessoa que é assassinada.

Quando a pessoa está doente e solicita ao seu médico que a mate, este não pode acolher este pedido, porque não é sua função matar o seu doente. Mas deve imediatamente acolher com respeito este pedido e dar a maior atenção aos motivos que levam aquele doente a desejar ser morto em vez de desejar viver.

Podem ser dores, e então a obrigação do médico é tratar as dores e hoje não há dores intratáveis. O doente sem dores não solicita a eutanásia.

Pode ser um sofrimento difícil de suportar. Então o médico com a ajuda do enfermeiro e de outros profissionais, designadamente psicólogos clínicos, porá à disposição do seu doente em desespero, todos os meios que permitem tornar suportável o sofrimento.

Pode ser um sentimento de esgotamento de qualquer projecto de vida que faz com que a pessoa, em dificuldades, prefira morrer a viver. Também este estado psicológico é susceptível de tratamento que consegue reconstruir a vontade de viver.

Por vezes o doente chega a estes estados por cuidados médicos a mais ou por cuidados médicos a menos.

Por obstinação terapêutica, em situações que já atingiram a fase da incurabilidade e estes cuidados a mais, desproporcionados, geram um grande sofrimento. A pessoa tem o direito de os recusar e de viver o seu período terminal em paz.

(Continua na pág. 3)

33.º Domingo do Tempo Comum – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: *Mal. 3, 19-20a*

2.ª leitura: *2 Tess. 3, 7-12*

Evangelho: Lc. 21, 5-19

- O dia D -

A palavra do Senhor fala-nos hoje do “Dia do Senhor”, expressão que aqui não se refere ao domingo, mas a outro dos ‘novíssimos’ – o juízo final.

Perante o predomínio de tantas mentiras e injustiças, a aspiração à verdade total e à verdadeira justiça é comum a todas as culturas e religiões. A própria teoria da reencarnação, no fundo, para aí aponta, embora sem se saber bem como isso acontece ou por quem é pronunciada a sentença...

Para a fé cristã, é verdade assente que, um dia, o Senhor “de novo há-de vir” e “para julgar os vivos e os mortos”. É a este “dia do Senhor”, espécie de “Dia D”, que se refere a profecia de Malaquias: “há-de vir o dia do Senhor” e “para vós que temeis o meu nome, nascerá o sol de justiça, trazendo nos seus raios a salvação”.

Para além do aspecto solene e majestoso deste julgamento, a Idade Média cristã reforçou o seu aspecto ‘tremendo’ (“dies irae”): “dia de ira aquele ... quando Deus comparecer para julgar com rigor”. E fê-lo certamente com uma intenção pedagógica e dissuasora, para que os cristãos fugissem do pecado.

Mas a verdade sobre este julgamento foi expressa por Bento XVI: “o amor apaixonado de Deus pelo seu povo – pelo homem – é ao mesmo tempo um amor que perdoa. E é tão grande que chega a virar Deus contra Si próprio, o seu amor contra a sua justiça... Deus ama tanto o homem que, tendo-se feito Ele próprio homem, segue-o até à morte e, deste modo, reconcilia justiça e amor” (Deus é amor, n.º 10). Mesmo para nós, é bom que o Senhor use a “medida larga”!

Por isso, este dia deve ser por nós aguardado como a hora da verdade, do triunfo definitivo do bem sobre o mal e da nossa plena libertação. Longe de nos alienar do momento presente, esta esperança leva-nos a um compromisso total no aqui e agora da nossa vida pelas causas do bem, da verdade e da justiça, pois sabemos que é a elas que pertence o triunfo final.

Com o Salmista também nós rezamos: “Acabam mal os que estão longe de Vós... Para mim, a felicidade é estar junto de Deus!” (Salmo, 72)

Pe. José de Castro Oliveira

Igreja e Eutanásia

Daniel Serrão explica contornos de uma questão delicada e mal interpretada

(Continuação)

Pode não estar bem tratada, em especial das dores e do sofrimento e estes cuidados a menos criam estados de desespero e motivam pedidos de eutanásia. A pessoa tem direito a exigir que lhe seja prestado o tratamento próprio da fase terminal, que é o cuidado paliativo.

O cuidado paliativo é um cuidado especializado prestado por uma equipe de profissionais competentes nas várias disciplinas que o compõem. Pode ocorrer em unidades próprias, em áreas de hospitais de cuidados gerais ou no domicílio.

A evidência, onde existe o cuidado paliativo, é que o doente que está acolhido e tratado de todas as perturbações, físicas, psicológicas e espirituais que ocorrem na fase terminal da vida, não pensa em eutanásia, nem a pede nunca, porque compreendeu que a eutanásia não é a solução.

Para a Igreja Católica é esta a solução e já vão aparecendo unidades inspiradas por instituições com ligação à Igreja Católica. É preciso que se criem muitas mais e que a Igreja contribua para a formação do pessoal especializado necessário. No cuidado paliativo não há lugar para a recusa de cuidados extraordinários ou desproporcionados, que a doutrina católica, desde Pio XII, sempre reprovou, porque o cuidado paliativo não acelera nem atrasa o processo de morrer. O doente é acompanhado constantemente e todas as intercorrências são tratadas, sempre, com competência técnica e em tempo útil. Mas sem nenhuma orientação intensivista e de suporte artificial de funções vitais quando já só produz sofrimento e em nada beneficia o doente. Só é feito o que contribui para manter o bem-estar da pessoa até ao momento final.

No cuidado paliativo o processo de morrer é re-socializado, com um lugar importante à família e aos amigos que também são objecto do cuidado paliativo e são por isso participantes na criação de um estado de permanente bem-estar para a pessoa.

Uma pessoa que é “depositada” numa cama de hospital para morrer no maior abandono e esquecida dos cuidadores ou submetida a intervenções intensivas e inúteis, essa é candidata a pedir a eutanásia. Mas a eutanásia não é, nunca, a solução.

Em vez de proclamar que a eutanásia deve ser proibida ou permitida, a posição da Igreja é a de que ninguém esteja nunca em situação de pensar que a eutanásia é a solução para o seu desespero. Dizer que se mata por compaixão é, de facto, matar a compaixão.

Daniel Serrão

ONU aprova moratória contra pena de morte
De carácter não vinculativo, Presidente do Pontifício Conselho da Justiça e da Paz assinala ser «um passo em frente»

A moratória contra a pena de morte foi aprovada na 3.ª Comissão da Assembleia Geral das Nações Unidas. 99 países votaram a favor, 52 contra e 33 abstiveram-se.

A resolução expressa preocupação pela contínua aplicação da pena de morte e chama os países que a mantêm nos seus códigos penais, a estabelecer uma moratória das execuções com o objectivo de as abolir.

A Santa Sé foi um dos incansáveis intervenientes para que este resultado acontecesse. O Cardeal Renato Raffaele Martino, Presidente do Pontifício Conselho da Justiça e da Paz recordou à Rádio Vaticano que, durante 16 anos, foi representante da Santa Sé nas Nações Unidas e, nesse período, assistiu às duas tentativas realizadas nos anos 90 a favor da moratória. Lembra a desilusão por as propostas terem sido retiradas por falta de quorum. Desta vez foi diferente, e afirmou estar “muito contente apesar da falta de unanimidade”.

Ao todo são 133 os Estados membros da ONU que aboliram a pena de morte da sua legislação ou da sua prática, e apenas 25 países realizaram execuções em 2006, 90% das quais se registaram na China, Iraque, Iraque, Paquistão, Sudão e Estados Unidos da América.